

O ensino de história na perspectiva de Jörn Rüsen

Max Lanio Martins Pina

Universidade Estadual de Goiás
Porangatu – Goiás – Brasil
maxilanio@yahoo.com.br

Resenha da Obra: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (Org.). *Jörn Rüsen e o Ensino de História*. Curitiba: Editora da UFPR, 2011.

Já há algum tempo que o pensamento rüseniano vem causando polêmica no Brasil. Existem os que o apreciam e adotam suas teorias como referência para interpretação das ações humanas no tempo, e também para análise dos processos cognitivos dos fundamentos do conhecimento histórico a partir da consciência histórica. E há os que o desconsideram parcial ou totalmente, pois acreditam que sua teoria não deve ser aplicada à realidade escolar brasileira, já que foi desenvolvida dentro de uma experiência educacional diferente, nesse caso a alemã. Essa falta de estima para com as ideias de Jörn Rüsen acontece porque a academia brasileira possui uma longa tradição de aproximação com o pensamento histórico francês, também por causa da sua provocação¹ aos historiadores afirmando que a cientificação da História no século XIX e conseqüentemente o seu desenvolvimento, fez com que ela perdesse de vista o princípio do seu enraizamento nas necessidades sociais para orientar a vida prática no tempo (RÜSEN, 2011).

No entanto, nos últimos anos “as reflexões historiográficas originárias na atmosfera intelectual alemã também encontram grande receptividade dentre os historiadores brasileiros,

¹ O que tudo indica é que Jörn Rüsen realizou a crítica aos historiadores que estão preocupados em realizar pesquisas que não atendem aos anseios e necessidades da vida prática humana.

prova disso é a retumbante proliferação dos trabalhos de Jörn Rüsen no Brasil” (SILVA, 2009, p. 1).

Como diz o aforismo, nem tanto ao mar nem tanto à terra, é imprescindível um ponto de equilíbrio. Não é necessário o exagero como também não se pode de todo desprezá-lo. O fato é que mesmo nunca estando dentro de uma sala de aula de nível fundamental e médio como professor², Jörn Rüsen contribuiu para a análise e reflexão sobre o ensino e aprendizagem da história. Essas contribuições têm despertado pesquisas no campo da Educação Histórica em Portugal, Inglaterra, Espanha, Canadá e Brasil.

Rüsen, hoje com 74 anos, estudou História, Filosofia, Pedagogia e Literatura na Universidade de Colônia, onde obteve o grau de doutor em 1966, com um trabalho sobre a teoria da história do intelectual oitocentista Johann Gustav Droysen. De 1974 a 1989, foi professor na Universidade de Bochum, na de Berlim e na Braunschweig. De 1989 a 1997 foi professor emérito da Universidade de Bielefeld e diretor, no estado alemão da Renânia do Norte-Vestefália, onde sucedeu na cátedra Reinhardt Koselleck. De 1997 a 2007, presidiu o Instituto de Altos Estudos em Ciências Humanas, localizado na cidade de Essen.

Na apresentação do livro analisado o professor e pesquisador da Universidade de Brasília (UNB), Estevão de Rezende Martins, responsável por parte da tradução das obras de Jörn Rüsen, afirma que ele é largamente conhecido no Brasil por sua tríade de Teoria da História, cuja versão brasileira foi publicada pela Editora da Universidade de Brasília: livro I – Razão Histórica (2001)³, livro II – Reconstrução do Passado (2007a)⁴, e livro III – História Viva (2007b)⁵ (p. 9).

Em 2011 a Editora da Universidade Federal do Paraná por meio do Laboratório de Pesquisa em Educação Histórica (LAPEDUH), publicou o livro *Jörn Rüsen e o Ensino de História*⁶, no qual se encontram organizados vários textos que foram escritos por ele no decorrer de sua atividade acadêmica, e que foram publicados em revistas científicas na Inglaterra, Espanha e Alemanha, e foram traduzidos por pesquisadores brasileiros envolvidos com as áreas da Didática da História, da Educação Histórica e da Teoria da História.

² Afirmação realizada pelo intelectual alemão Bodo von Borries, quando da sua estadia no Brasil em 2012, para ministrar um curso no IX Heirnet (*Historic Environment Information Resources Network*) sediado na Universidade Federal do Paraná.

³ Publicado pela primeira vez em alemão em 1983.

⁴ Publicado pela primeira vez em alemão em 1986.

⁵ Publicado pela primeira vez em alemão em 1986.

⁶ Só existe em formato de livro na língua portuguesa comercializado no Brasil e em Portugal, os artigos nele contidos foram publicados pela primeira vez nas décadas de 1980 e 1990. A preocupação dos organizadores foi selecionar textos que fazem referência ao ensino e à aprendizagem histórica.

De acordo com Estevão Martins de Resende, Jörn Rüsen milita, há décadas, com suas reflexões meta teóricas, sobre os fundamentos da consciência histórica, do pensamento histórico, da cultura histórica e também da ciência da história. Sua obra bibliográfica articula de um modo comparativo história, filosofia, antropologia e historiografia, as quais se debruçam sobre as grandes linhas culturais do mundo contemporâneo (p. 7).

As professoras e pesquisadoras brasileiras e portuguesas Maria Auxiliadora Schmidt, Tânia Braga Garcia e Isabel Barca afirmam na introdução da obra examinada que o significado do pensamento de Jörn Rüsen para investigações na área da educação histórica tem despertado no Brasil, em Portugal e Cabo Verde, estudos que levam em conta “que a aprendizagem da história seja considerada pelos jovens como significativa em termos pessoais”, que pode proporcionar-lhes um entendimento mais amplo e específico da vida (p. 11). Acreditam que tanto crianças quanto jovens podem desenvolver ideias históricas que passam a ser gradativamente mais sofisticadas em relação ao conhecimento histórico.

A afinidade entre as pesquisas tem permitido a avaliação de investigações comparativas realizadas com escolares (crianças e jovens) brasileiros, portugueses e cabo-verdianos. Sob o enquadramento da consciência histórica têm se explorado ideias dos alunos sobre: mudança histórica, significância histórica, explicação histórica, multiperspectiva histórica, evidência histórica, interculturalidade, educação patrimonial, cidadania e narrativa histórica.

Para uma introdução ao pensamento rüseniano é necessário a compreensão de sua matriz disciplinar, porque todas as suas ideias e teorias estão relacionadas com esse “conjunto sistemático de fatores ou princípios do pensamento histórico determinantes da ciência da história como disciplina especializada” (RUSEN, 2001, p. 29).

Como mostra a figura 1, a visão rüseniana de uma teoria da história é circular. O ponto de partida para reflexão dos fundamentos da história pressupõe **interesses** (Razão Histórica)⁷ que são as carências de orientação que o homem possui para poder viver e direcionar-se no tempo pelo passado sempre perspectivando o seu futuro. Em seguida os interesses se transformam em **ideias** (Razão Histórica) as quais se tornam as perspectivas orientadoras da experiência do passado. Essas ideias no campo da ciência especializada passarão pelos critérios dos **métodos** (Reconstrução do Passado) que são as regras da pesquisa empírica, que nessa dialética irá se transformar nas **formas** (História Viva) de apresentação do

⁷ Optou-se por apresentar entre parêntese as obras de Jörn Rüsen conforme elas se classificam na sua matriz disciplinar. A trilogia cumpre a função de apresentar cada etapa da circulação do pensamento histórico.

conteúdo histórico válido, que volta para vida prática em formato de **funções** (História Viva) as quais irão orientar a existencialmente a vida prática (RÜSEN, 2001).

Figura 1: Matriz Disciplinar

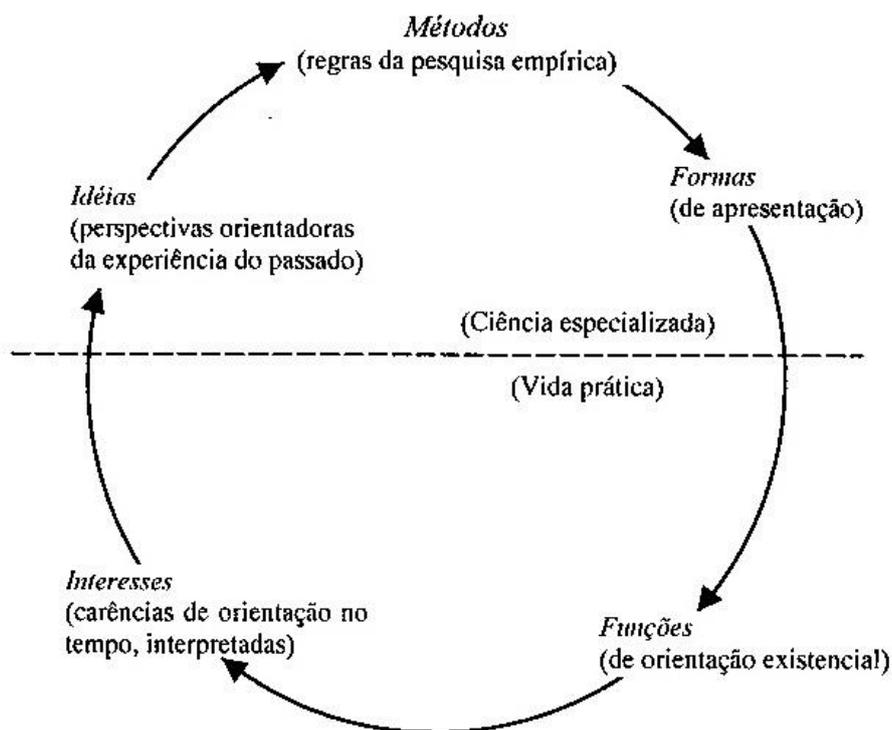


Figura 1: Matriz Disciplinar no Pensamento Rüseniano
Fonte: RÜSEN, 2001, p. 35

O livro Jörn Rüsen e o Ensino de História (Funções)⁸ pode ser classificado como uma análise meta-teórica das aplicações da cultura histórica⁹ na formação da consciência histórica, a qual ele afirma ser inerente a todo ser humano. Porém, uns com mais sofisticação dessa consciência (crítica e genética) do que outros (RÜSEN, 2011).

⁸ Este livro que é composto por artigos escritos por Jörn Rüsen no decurso de duas décadas, se enquadra no contexto da matriz disciplinar como análise das funções do conhecimento histórico na vida humana prática.

⁹ Cultura histórica é aqui entendida dentro da perspectiva rüseniana como “o campo em que os potenciais de racionalidade do pensamento histórico atuam na vida prática. (...) o campo da interpretação do mundo e de si mesmo, pelo ser humano, no qual devem efetivar-se as operações de constituição de sentido da experiência do tempo, determinantes da consciência histórica humana”. (RÜSEN, 2007b, p. 121). Para os alemães tudo que faz referência a História, seja ela científica ou não, está relacionado ao quadro denominado cultura histórica.

Por consciência histórica compreende-se “a soma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmo, de forma tal que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo” (RUSEN, 2001, p. 57).

É a consciência histórica que une passado, presente e futuro. A História é uma condição humana e um nexos dessa tripartição temporal, por isso Jörn Rüsen (2001) acredita e defende que quando as intenções do agir humano no tempo entram em choque com as experiências no tempo, o ser humano sofre as carências de orientação temporal.

O professor Rafael Saddi Teixeira (2012, p. 89) apresenta uma exemplificação para essa situação

A morte de um pai, quando o filho projetava um futuro em sua presença. A experiência no tempo (a morte do pai) entra em confronto com as intenções do homem no tempo (um futuro com a presença do pai), de modo que o homem sente necessidade de reinterpretar sua experiência e suas intenções no tempo, produzindo assim operações mentais que possibilitem-no ainda agir.

Nesse sentido, é preciso reinterpretar o passado, para projetar um futuro. Existe uma necessidade constante de orientação temporal, já que as experiências humanas no tempo estão marcadas por dor e sofrimento.

Fica claro na obra avaliada a interrogação sobre quais são as operações mentais que os homens utilizam para pensar a História. Essas operações podem ser acessadas através das narrativas pelas quais a cognição humana fornece quatro formas tipológicas da apresentação da consciência histórica: o tipo tradicional, o tipo exemplar, o tipo crítico e o tipo genérico.

Cada um desses tipos ideais¹⁰ permite ao ser humano intencionar suas ações na vida prática, que lhe possibilita uma forma de futuro. Um ser humano que possui uma consciência histórica do tipo tradicional, quando da sua ação e intenção no tempo, ele irá utilizar-se das tradições como elementos para sua orientação. Quando sua consciência for do tipo exemplar, será necessário lançar mão das regras gerais e pessoais utilizadas no passado como referencial da conduta ou dos sistemas de valores. Se a sua consciência for do tipo crítico, ele colocará em questão a moral apontando a relatividade cultural nos valores, que contrasta com uma universalidade aparente. Por último o tipo genético, aqui sua consciência histórica se apoiará

¹⁰ Ao criar os quatro tipos ideais da consciência histórica, Jörn Rüsen demonstra as influências que recebeu da sociologia e do pensamento weberiana no seu trabalho.

na ideia de mudança, transformação e desenvolvimento, não aceitando ter um futuro igual ao passado, rompendo assim com as tradições e os modelos existentes na história (RÜSEN, 2011).

Por ter sido catedrático da Didática da História, Jörn Rüsen não poderia deixar de aplicar suas ideias a essa disciplina acadêmica. De acordo com Estevão de Resende Martins, Jörn Rüsen considera a didática na Alemanha em duas dimensões, uma tradicional que se apoia no sistema escolar institucionalizados, e a outra genérica/social, que transforma o cotidiano humano em um campo gigantesco para pensar e pesquisar o tempo vivido.

Sua crítica é que até então a Didática da História era concebida como uma ferramenta que servia para fazer a mediação entre “história como disciplina acadêmica e o aprendizado histórico e a educação escolar” (p. 23). Nessa perspectiva ela serviria apenas para “transportar conhecimento histórico dos recipientes cheios de pesquisa acadêmica para as cabeças vazias dos alunos” (p. 23).

Sua luta é na tentativa de modificar essa visão empobrecedora dessa disciplina, que era pensada de acordo as ciências da educação com uma proximidade da Pedagogia (RUSEN, 2011). Na perspectiva alemã ela deve ser pensada por meio da epistemologia da ciência histórica.

Suas contribuições convergem com a visão de seus contemporâneos e colaboradores tais como Karl-Ernst Jeismann e Klaus Bergman, que acreditavam que a Didática da História também deveria investigar além do ensino e aprendizagem da história, devendo se debruçar ainda sobre a análise dos usos públicos da história e seus efeitos na vida prática.

Por causa da falta de vagas para professores na educação básica na Alemanha, tornou-se promissor aos historiadores a sua lotação em outras instituições que não fossem o sistema tradicional de ensino (RÜSEN, 2011). Isso permitia uma apreciação da aprendizagem do conhecimento histórico para além do ensino formalizado. Como afirma Estevão de Resende Martins é inegável que o ambiente escolar tem um peso grande no processo de aprendizado (p. 8). Porém, não se aprende história só na escola, mas também através da cultura histórica presente nos discursos políticos, nos discursos religiosos, no cinema, na mídia, nos jornais, nos jogos eletrônicos, na literatura, entre outros (ARRAIS e OLIVEIRA, 2012).

A virada paradigmática na Didática da História na Alemanha nos anos 60 e 70 pode ser compreendida como mudança no foco das pesquisas realizados no tocante ao ensino de história, que a partir daquele período passou a dar ênfase na forma como se aprende a história, isto é, nas formas e funções da recepção dos seus conteúdos por estudantes (p. 41).

Jörn Rüsen (2011) salienta que não foi desenvolvida ainda uma teoria consistente desse processo mental específico que é o aprendizado histórico. O aprendizado histórico é apresentado e definido por ele como sendo “um processo mental de construção de sentido sobre a experiência do tempo através da narrativa histórica, na qual as competências para tal narrativa surgem e se desenvolvem” (p. 43). Construir sentido é narrar o passado dando a ele através dos recursos da linguagem uma forma interna e coerente de explicação para as intenções do agir humano no tempo.

As formas, os níveis e os objetivos do aprendizado histórico estão ligados às competências narrativas da consciência histórica (tradicional, exemplar, crítica e genética). Por intermédio delas o ser humano, de forma ativa ou passiva, se situa no tempo. Não é possível nomear “as habilidades que são aprendidas quando se aprende a história” (p. 81), porém, a aprendizagem histórica passa por três dimensões que é a experiência, a interpretação e, por fim a orientação, as quais estão intimamente ligadas (p. 89). No presente as pessoas

entrem em contato com a experiência (...) da história por dois modos: primeiro, pela consciência de que fazem parte de um momento da história, o que é facilmente visualizado pelo calendário; segundo, pelo contato com as “coisas do passado”, tais como: os documentos e os monumentos históricos. (ARRAIS e OLIVEIRA, 2012, p. 119).

Para Arrais e Oliveira (2012) o aprendizado histórico só pode e deve acontecer na medida em que a experiência faça sentido para a vida prática do sujeito, que nesse sentido seria lhe conferir uma identidade.

Pode-se ressaltar que uma das maiores aptidões do conhecimento histórico é situar o indivíduo dentro da estrutura tempo, permitindo-lhe agir de maneira que o futuro se torne diferente do passado. Cita-se a exemplo a escravidão brasileira, o fato de se conhecer como ela vilipendiou os negros durante muitos anos, deveria levar a superação dos pré-conceitos e do racismo que ainda estão presentes e velados na sociedade brasileira. O que tudo indica é que cada sujeito possui uma forma de consciência histórica, e isso é o que lhe permite agir no presente. Não se está aqui defendendo a atitude de alguns que encontram dificuldades para superar o racismo, todavia pode-se compreender que o racismo ainda existe porque determinados indivíduos não possuem e não desenvolveram uma consciência histórica mais sofisticada (crítica ou genérica) para lhes possibilitar uma perspectiva de futuro completamente diferente do passado.

Outra contribuição de Jörn Rüsen para o ensino e aprendizagem da história é a sua proposta para o livro didático, o qual “é a ferramenta mais importante no ensino de história”

(p. 109). Todavia o tamanho de sua importância não diminui o enorme déficit na análise e na avaliação destes por parte dos historiadores. Ainda assim, estão interessados nele os departamentos de cultura e educação de uma nação, inspecionando-o e autorizando sua liberação. Historiadores que querem ver suas pesquisas sendo incorporados nesses manuais. Por último os envolvidos com a política nos tempos contemporâneos, que acreditam na importância da História para formação política dos sujeitos (RÜSEN, 2011).

Um livro didático “ideal” deve compor-se de alguns aspectos de utilidade para um ensino prático tais como: formato claro, estrutura didática, relação com o aluno e relação com a aula. Já os aspectos para que o aluno consiga alcançar uma percepção histórica são: apresentação de materiais históricos, imagens, mapa e esboços, textos, pluralidade da experiência histórica e pluriperspectividade. As características que um manual precisa possuir para despertar nos educandos a interpretação histórica são: normas científicas, capacidades metodológicas, caráter de processo da história e pluriperspectividade ao nível do observador e força de convicção da exposição. Por fim o livro didático deve conter para instigar uma orientação histórica são: perspectivas globais, formas de um juízo histórico e referências ao presente (RÜSEN, 2011).

Apesar do título da obra falar do ensino de história, os textos nele selecionados na sua maior parte referem-se a aprendizagem histórica. Jörn Rüsen se esforça na tentativa de convencer os pesquisadores, os historiadores e os professores da necessidade de focar seu trabalho na consciência histórica, para compreensão dos processos cognitivos que ela motiva, e assim procederem o seu trabalho científico e didático a partir dos problemas da vida prática.

Referências

ARRAIS, Cristiano Alencar; OLIVEIRA, Eliezer Cardoso de. As funções da teoria da história na construção do livro didático de História Regional. In: SILVA, Maria da Conceição; MAGALHÃES, Sônia Maria de. *O ensino de história: aprendizagens, políticas públicas e materiais didáticos*. Editora da PUC Goiás, 2012.

RÜSEN, Jörn. *Razão histórica - Teoria da história: fundamentos da ciência histórica*. Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília: UnB, 2001.

_____. *Reconstrução do passado - Teoria da história II: os princípios da pesquisa histórica*. Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília: UnB, 2007a.

_____. *História viva - Teoria da história III: forma e funções do conhecimento histórico*. Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília: UnB, 2007b.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (Org.). *Jörn Rüsen e o Ensino de História*. Curitiba: Editora da UFPR, 2011.

SILVA, Rogério Chaves da. *Resenha*. RÜSEN, Jörn. Reconstrução do passado - Teoria da história II: os princípios da pesquisa histórica. Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília: UnB, 2007a. Revista História em Reflexão: Vol. 3 n. 5 – UFGD - Dourados jan./jun. 2009.

TEIXEIRA, Rafael Saddi. Reflexões sobre o campo da didática da história. In: SILVA, Maria da Conceição; MAGALHÃES, Sônia Maria de. *O ensino de história: aprendizagens, políticas públicas e materiais didáticos*. Editora da PUC Goiás, 2012.

SOBRE O AUTOR

Max Lanio Martins Pina é mestrando em História pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-Goiás); bolsista da FAPEG; professor da Universidade Estadual de Goiás (UEG), campus Porangatu.

Recebido em 20/02/2015

Aceito em 01/05/2015